

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

O USO DO CELULAR (CÂMERA FOTOGRÁFICA, REDES SOCIAIS E EDITORES DE IMAGENS) PARA A CRIAÇÃO DE UM PORTFÓLIO ARTÍSTICO DE CENAS DO COTIDIANO: UM REGISTRO CONTEMPORÂNEO.

Heloisa Maria Benatti Proietti¹

Resumo: O objetivo deste artigo foi o de registrar uma intervenção pedagógica ocorrida no segundo ano do curso de Eletrotécnica na modalidade Integrado ao Ensino Médio do Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria do Rosário Castaldi (CEEP), da cidade de Londrina, Paraná, sobre o uso do celular (câmera fotográfica, redes sociais e editores de imagens) para a criação de um portfólio artístico de cenas do cotidiano. Por meio desses registros e reflexões propiciadas por eles os alunos participantes puderam entender que mesmo em um cotidiano contemporâneo bombardeado por imagens, o olhar sensível e artístico é possível, assim como fazê-los entender que para a captura de imagens não são necessárias nem tecnologias especiais nem uma técnica apurada. O projeto teve origem nas aulas de Artes ministradas pela docente e encontrou um campo teórico nas disciplinas cursadas por ela durante o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), uma parceria entre Secretaria de Estado da Educação (SEED) e Universidade Estadual de Londrina (UEL) nos anos de 2016 e 2017. O projeto dividiu-se em uma fundamentação teórica a respeito da fotografia, das redes sociais e dos efeitos da contemporaneidade sobre os indivíduos e de cinco etapas avaliativas compostas de tarefas a serem executadas pelos alunos participantes, tarefas essas que culminaram na construção de um portfólio virtual. Ao final, esses participantes expuseram fotos tiradas por eles e analisadas entre o grupo em um evento que culminou na discussão e reflexão sobre os diferentes olhares possíveis sobre um mesmo registro fotográfico.

Palavras-chave: Arte. Contemporaneidade. Educação. Fotografia. Tecnologias.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea sofre de um processo de desumanização que culmina na invisibilidade dos indivíduos. Essa invisibilidade muitas das vezes, é

¹ Formada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. – UEL. Professora estatutária – SEED Paraná. helobenatti@seed.pr.gov.br
[Digite aqui]

responsável pelo crescimento da violência, do individualismo e do empobrecimento das relações sociais, sejam elas familiares ou profissionais.

Olhar para o outro, para os fenômenos que nos cercam, para o pluriculturalismo, para o estrangeiro, a mulher, o negro, os transexuais, os transgêneros, aqueles que professam uma fé diferente, que se manifestam de forma diferente daquelas preconceituosamente consideradas “normais” ou “naturais” na sociedade, precisa constituir um exercício de reaprendizagem, pois somente por meio desse olhar humanizado e reflexivo, composto de tolerância, empatia e receptividade é que poderemos reconstruir essa sociedade que hoje se mostra tão excludente, intolerante e sectária.

Este artigo representa o projeto feito como conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) iniciado em 2016. O PDE é um Programa idealizado e implantado pelo Governo do Estado do Paraná por meio da lei complementar número 103 de 15 de março de 2004, em parceria com a Universidade Estadual de Londrina (UEL), com uma carga horária de 504 horas e entendido como uma política pública educacional inovadora que estabelece o diálogo entre os professores da Educação Superior e os da Educação Básica, através de atividades teórico-práticas orientadas, tendo como resultado a produção de conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense.

O objetivo deste projeto foi o de proporcionar aos alunos do segundo ano do curso de Eletrotécnica na modalidade Integrado ao Ensino Médio do Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria do Rosário Castaldi (CEEP), da cidade de Londrina, Paraná, uma prática de registros de cenas do cotidiano por meio do celular e de reflexões sobre esses registros, oportunidades de o aluno repensar as relações sociais e artísticas estabelecidas entre os indivíduos. Além dessa intenção principal, na execução do projeto outros objetivos foram alcançados, sendo eles o de proporcionar ao aluno condições para que ele percebesse a fotografia como meio de expressão artística e do indivíduo sobre o mundo que o cerca; promover, por meio do ato de fotografar com o celular, a construção de um olhar pedagógico e artístico sobre essa ferramenta tecnológica; estimular nos alunos o

exercício de leitura de textos orais, escritos e pictóricos sobre as relações e papéis sociais assumidos pelo indivíduo em seu cotidiano.

O celular foi escolhido, dentre outras ferramentas tecnológicas esse aparelho é uma ferramenta disponível a todos os alunos na sala de aula escolhida para a aplicação do projeto. O uso de tecnologias por parte dos adolescentes é uma prática sempre muito bem-vinda, pois é por meio dela que eles têm acesso a muitos aplicativos que possibilitam sua conexão com o mundo que o cerca. Ao mesmo tempo em que a tecnologia, especialmente o celular, cria situações de isolamento, afastamento entre os indivíduos, ele pode aproximar pessoas, diminuir distâncias, anular diferenças de gênero, credo e raça, sensibilizando, assim, esses usuários para a prática da convivência com os seus diferentes.

Quando o aluno, no seu cotidiano e fazendo uso do celular, uma ferramenta que sempre o acompanha, faz o registro de situações naturais de forma não premeditada, tem a oportunidade de captar fenômenos que muitas das vezes passam despercebidos do nosso olhar. Esses registros, levados para a sala de aula e postos em análise e discussão entre seus pares, proporcionam oportunidades de reflexão sobre a sociedade em que ele está inserido, revelando o modo como ele enxerga essa sociedade e de que forma ele é enxergado por ela.

A escola, conforme foi pensada em seus primeiros momentos, tinha como objetivo formar mão-de-obra para produzir bens de consumo. Do seu surgimento até o início do século XX ela sofreu modificações conforme as sociedades também foram evoluindo. As habilidades, que antes eram apenas técnicas, foram sendo paulatinamente percebidas pelos indivíduos como insuficientes. Entendeu-se, por força das circunstâncias, que não bastava apenas que o sujeito soubesse como fazer um sapato ou uma cadeira. Esse tipo de produção, comumente chamada de fordista, não tinha condições, por si só, de sustentar relações que se baseassem unicamente no comércio. Agora, as necessidades mostram ir além da técnica. A escola chama para si a responsabilidade de desenvolver, nos indivíduos, competências que os conduzem à convivência pacífica, à tolerância e ao respeito pelo outro. Conforme Edgar Morin:

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. (2000, p. 56)

Dessa forma, entende-se que à escola é imposto o dever de ajudar a construir, no indivíduo, habilidades que o capacitem a elaborar produtos, a fazer Ciência, edificar construções, mas, ao lado de todo esse conhecimento, sua natureza humana, a da escola e a do ser que nela habita, precisa e deve ser respeitada, desenvolvida e consolidada, posto que o mundo, sem humanidade, é apenas um agrupamento de coisas sem serventia.

2 A ARTE DO OLHAR

As aulas de Arte têm como objetivo levar até os alunos informações a respeito das mais diferentes manifestações artísticas ocorridas ao longo da história da humanidade, e no bojo dessa ação, buscam desenvolver um olhar sensível sobre o modo como o homem se traduz, seja por meio da literatura, da música ou das artes plásticas. Conforme Susan Sontag (2003, p. 28):

A fotografia é a única arte importante em que um aprendizado profissional e anos de experiência não conferem uma vantagem insuperável sobre os inexperientes e os não preparados – isso ocorre por muitas razões, entre elas o grande peso do acaso (ou da sorte) no ato de fotografar, além da preferência pelo espontâneo, pelo tosco, pelo imperfeito.

Indo ao encontro do pensamento de Sontag, quando o aluno tem oportunidade de registrar cenas do seu cotidiano fazendo uso de uma ferramenta da qual ele está sempre munido, o celular, e de levar essas imagens capturadas por ele para um público específico, interno ou externo à comunidade escolar, esse exercício o faz perceber que fotografar não é um ato exclusivo dos fotógrafos profissionais. Quando o professor desenvolve um trabalho sobre a fotografia em sala de aula, e paralelo a esse trabalho ele incentiva seus alunos a serem os fotógrafos, esse professor colabora para que os alunos desenvolvam um olhar perceptivo e sensível

sobre as cenas cotidianas e também para que eles se tornem confiantes de suas capacidades artísticas, desfazendo assim o mito de que para que boas fotos sejam tiradas, é necessário um bom equipamento e muita técnica.

Conforme Fabrício Andrade Pereira (2006, p. 16):

Partindo do pressuposto que o conhecimento humano se dá de maneira cultural e que a arte esteve presente na trajetória humana como expressão de diversas culturas, atentamos para a importância do papel da arte na relação do homem com a contemporaneidade. A presença da arte se faz sob diversos aspectos na sociedade e entendemos como função do educador ampliar as possibilidades de contato e percepção acerca do que nos circunda culturalmente no mundo atual.

Qualquer pessoa com o olhar sensibilizado pelas cenas, mesmo as mais prosaicas, pode capturar imagens poéticas. Uma outra função deste projeto foi a de levar o aluno a perceber que pelo celular é possível, mais do que se comunicar com as pessoas por meio de uma linha telefônica, comunicar-se com outros indivíduos por meio do olhar.

3 O “VER EM EXCESSO”

O ver muito, o ver em excesso não significa, necessariamente, enxergar. Para Sontag (2003, p. 42):

[...] a imagem fotográfica, na medida que constitui um vestígio (e não uma construção montada com vestígios fotográficos dispersos), não pode ser simplesmente um dispositivo de que algo não aconteceu. É sempre a imagem que alguém escolheu; fotografar é enquadrar, e enquadrar é excluir.

O bombardeio de imagens que recebemos em nosso cotidiano forma a nossa cultura visual. Por tamanha relevância no aspecto educacional, a Arte se dedica à um campo de estudos visuais, no qual tem a imagem como objeto central e por meio do qual são produzidos significados em contextos culturais. Os estudos referentes à cultura visual têm como objeto a cultura contemporânea. Esses estudos implicam nas diferentes formas de olhar a vida, como são construídos os signos e como os mesmos são significados por nós. Vindo ao encontro dessa reflexão, Fernando Hernández (1998) afirma:

Por esse motivo, a expressão cultural visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. Desse ponto de vista, quando me refiro neste livro à cultura visual, estou falando do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneira de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas de ver o mundo e si mesmo. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 22)

A preocupação com a construção de uma cultura visual está intimamente ligada à importância e a necessidade de um repensar posições teóricas e estéticas que possibilitem rever o elo entre histórica da arte e cultura visual. É inegável a necessidade de uma alfabetização do olhar para que possamos ampliar a qualidade das nossas aulas de arte porque, ainda conforme o autor anteriormente citado:

[...] as representações visuais contribuem, assim como os espelhos, para a constituição de maneiras e modos de ser. As representações visuais derivam-se e ao mesmo tempo interagem de e com as formas de relação que cada ser humano estabelece, também com as formas de socialização e aculturação nas quais cada um se encontra imerso desde o nascimento e no decorrer da vida. Estas formas de relação contribuem para dar sentido à sua maneira de sentir e de pensar, de olhar-se e de olhar, não a partir de uma posição determinista, mas em constante interação com os outros e com sua capacidade de agenciamento. (HERNÁNDEZ, p. 31)

Em uma sociedade cujas imagens invadem permanentemente o nosso cotidiano, é fundamental pensarmos um modo de recepção desses textos, de modo a estabelecer um sentido entre eles, a realidade existente e a necessidade de tradução própria de todo indivíduo. Conforme Noival Baitello Junior (2005):

O advento das imagens repetidas e idênticas que se distribuem no espaço público (ao invés daquelas que devem ser buscadas no espaço restrito do recato e do sagrado, da intimidade e da concentração), inaugura o trânsito das imagens em superexposição à luz. Inaugura-se, com este trânsito, também sua transitoriedade, que por sua vez abre um vazio. (2005, p.13)

De forma contraditória, a excessiva exposição de imagens, no lugar de promover o olhar e a reflexão sobre as mensagens que por meio delas são veiculadas, é responsável por um enrijecimento do olhar, uma incapacidade de ver e perceber traduzida em uma cegueira contemporânea.

A excessiva exposição dos nossos olhos às imagens não significa que elas não sejam importantes ou necessárias à construção de valores e

[Digite aqui]

representatividades de culturas distintas. Pelo contrário, desde as mais antigas civilizações, mesmo nas cavernas, o homem foi levado a expressar sua subjetividade por meio de desenhos até hoje estudados pela civilização contemporânea. Inclusive na escola, a importância das aulas de arte vem sendo confirmada por meio de resultados demonstrado quando se tem como objetivo a construção, no aluno, de valores humanísticos e estéticos. Conforme Maria Helena Wagner Rossi (2006, p. 09):

Quanto à imagem da arte, é necessário falar da importância e do papel que ela vem assumindo no ensino contemporâneo. Após décadas de ausência na escola, a imagem retorna para ocupar um lugar central nas aulas de arte. Já é consenso a ideia de que todo aluno deve ter oportunidade de interpretar os símbolos da arte, pois a dimensão estética é constitutiva do potencial humano.

4 IMPLANTAÇÃO DO PROJETO NO CEEP CASTALDI

É acreditando nesses valores, que reafirmam a importância do trabalho com o ensino de Arte na sala de aula, que essa pesquisa-ação, conceituada por David Tripp (2005) como sendo “[...] uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos [...]”, pesquisa esta com caráter qualitativo, buscou promover nos alunos do segundo ano do curso de Eletrotécnica na modalidade Integrado ao Ensino Médio do CEEP Castaldi a construção e a reconstrução do olhar por meio do registro artístico de imagens cotidianas captados pela câmera de celulares pois, conforme Baitello Junior:

A comunicação não é apenas ferramenta do homem, ou seu instrumento; a cultura não é apenas um entorno de cenografia ou um plano de fundo decorativo. Tanto os processos comunicativos quanto os processos culturais se desenvolvem como ambientes sociais e históricos complexos que não resistem a visões reducionistas ou simplificadoras. (2005, p. 7)

A comunicação, seja ela verbal ou não-verbal, representa a cultura de uma sociedade e é por ela representada. Cabe aos indivíduos promoverem estratégias que confirmem sentido aos mais diferentes modos de manifestação de tradução do que se considera humano, ontem, na Antiguidade, e hoje, na Contemporaneidade. A escola tem esse compromisso. Portanto, nós, os educadores, temos a obrigação de [Digite aqui]

atuarmos com base em um novo paradigma, não mais como apenas transmissores de informação e detentores do saber, mas na criação de situações de aprendizagem nas quais o aluno realiza atividades e constrói o seu conhecimento.

4.1 FOTOGRAFIA: ORIGEM, EVOLUÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

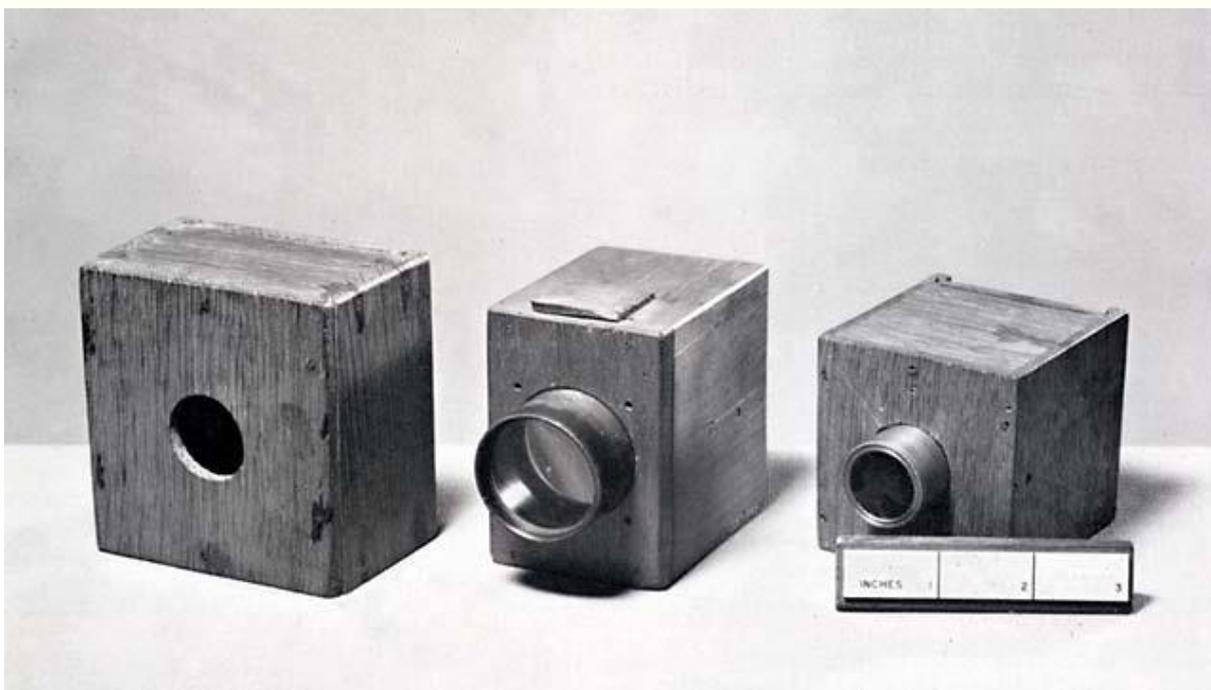
A Arte da fotografia nasceu em 1822, quando o físico francês Nicéphore Niepce (1765-1833) eternizou a primeira imagem da realidade em uma chapa de metal. Logo depois, uma coincidência: o francês Louis Daguerre (1787-1851) e o britânico William Henry Talbot (1800-1877) anunciaram, separadamente, em janeiro de 1839, suas descobertas sobre engenhocas que tiravam fotos de pessoas, cenas e paisagens.

Sempre houve polêmica em torno da paternidade das grandes invenções e com a fotografia não poderia ser diferente. Os ingleses, que reivindicam a invenção da máquina fotográfica, argumentam que o processo "negativo-positivo" criado por Talbot foi o único que atravessou os anos, tornando-se a base da moderna fotografia.

A fotografia, em sua gênese, criada no século XIX, passou por profundas mudanças, estéticas e tecnológicas. Hoje, século XXI, a maioria das pessoas, ainda que de forma amadora, faz da arte de fotografar um hábito colocado em prática através de seus celulares. Raros são os indivíduos que se valem da câmera fotográfica, excluindo alguns fotógrafos profissionais que ainda adotam o filme fotográfico ou película fotográfica, o antigo cartucho, para registrarem imagens.

Foi de Talbot a primeira foto reproduzida em papel (talbótipo), em 1834. As imagens abaixo são das primeiras câmeras construídas pelo fotógrafo e da primeira fotografia tirada por ele:

Figura 1: As primeiras máquinas fotográficas



Fonte: <http://www.tipografos.net/fotografia/talbot.html>

4.2 DIREITOS AUTORAIS E DE IMAGEM

O direito de imagem é um direito inerente à pessoa, faz parte da lista de direitos que constituem o mínimo necessário para garantia de todos os demais direitos do indivíduo. Já os direitos autorais são o conjunto de normas que tutelam a criação da pessoa, ou seja, protegem os vínculos existentes entre o autor e a sua obra intelectual.

Pode-se dizer que o direito de imagem – por ser um direito ligado à pessoa – é anterior ao direito autoral, que nasce somente após a criação de uma obra intelectual. Ocorre que, muitas vezes, uma obra retrata a imagem de alguém, talvez esse seja o motivo da confusão entre os dois institutos do direito. No entanto, é importante que fique claro que o direito à imagem está relacionado à pessoa retratada e, por sua vez, o direito autoral está relacionado ao autor da obra que reproduz a imagem daquela pessoa. O direito que a pessoa retratada possui é o direito de imagem. Essa pessoa poderá ser remunerada pela autorização/licença de uso de sua imagem para compor determinada obra. Já o direito que o artista detém sobre a obra (fotografia, ilustração, escultura etc.), que retratou a imagem daquela

[Digite aqui]

pessoa, é chamado direito autoral. O artista poderá ser remunerado pela cessão ou licença/autorização de uso de sua obra.

Para a concretização deste projeto foi necessária a construção e apresentação, por parte dos alunos envolvidos, de um portfólio virtual criado e disseminado dentro de um grupo aberto apenas para convidados da rede social Facebook.

Figura 2: Grupo criado no Facebook



Fonte: da autora (2017)

A avaliação, para que seja realizada de forma eficaz, exige a investigação da aprendizagem passo a passo, e não apenas do resultado final. Esse processo envolve todos os agentes que participam da ação, e dessa forma, é necessário que nos debrucemos sobre fatores que envolvem desde a metodologia usada pelo professor até o desempenho do aluno em decorrência dessa metodologia. Apesar das atividades não terem ocorrido restritamente em sala de aula, elas foram avaliadas de forma processual, ou seja, considerando todos os passos dados pelo aluno, a começar pela escolha das cenas que foram registradas, os argumentos usados para o estabelecimento de critérios sobre essa escolha e o tipo de reflexões e vieses dados pelo aluno a cada imagem. Para isso, o principal instrumento de avaliação foi o portfólio. De acordo com Hernández (2000, p.166), o portfólio é :

[Digite aqui]

[...] um continente de diferentes tipos de documentos (anotações pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controles de aprendizagem, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais, etc) que proporciona evidências do conhecimento que foram sendo construídos, as estratégias utilizadas para aprender e a disposição de quem o elabora para continuar aprendendo.

O portfólio começou a difundir-se em espaço escolar na década de 90, com ênfase nos Estados Unidos, e vem sendo evidenciado como um dos mais novos subsídios para uma avaliação dinâmica e eficiente do ensino. Ele não é apenas um instrumento de avaliação como também de auto avaliação.

Conforme anunciado anteriormente, a proposta é que esta intervenção fosse transforme em um portfólio virtual, e para isso foi criado um grupo aberto apenas convidados no Facebook (<https://www.facebook.com/groups/219248925257855/>) no qual foram inseridas pastas para o arquivamento dessas fotos e as análises feitas.

Através desse portfólio, criou-se um canal de fácil acesso entre professora e alunos, facilitando assim a compreensão desse percurso tão dinâmico que é a aprendizagem, dinâmico porque toda aprendizagem não pode ser compreendida como algo estável, e sim como um processo que acompanha as modificações ocorridas nos indivíduos e refletidas, por sua vez, na sociedade. Antonio Nóvoa (1994) critica o efeito de rigidez pelo qual muitas vezes o professor é tomado, quando coloca em prática as mesmas ações pedagógicas simplesmente porque sempre foi assim:

Há aqui um efeito de rigidez que nos torna a todos, num certo sentido, indisponíveis para a mudança. E é verdade que os professores são por vezes profissionais muito rígidos, que têm dificuldade em abandonar certas práticas, nomeadamente quando elas foram empregues com sucesso em momentos difíceis da sua carreira profissional. Muitas vezes nos interrogamos sobre as reformas educativas e o modo como elas mudaram as escolas e os professores; e, no entanto, esquecemo-nos de referir que foram quase sempre os professores que mudaram as reformas, seleccionando, alterando ou ignorando as instruções emanadas “de cima”. (NÓVOA, 1994, p. 08)

Precisamos mudar nossas práticas, repensá-las e refletir sobre os paradigmas construídos sobre o que é “certo” e o que é “errado” se fazer dentro da sala de aula. E apesar de quase tudo ter se modernizado no decorrer dos anos, na educação ainda existe uma barreira entre ensino, aprendizagem e, principalmente, avaliação, o que distancia a teoria da prática e dos próprios sujeitos envolvidos no processo. Há que se levar em conta que ao avaliarmos não podemos apenas,

[Digite aqui]

quantificar e classificar. É muito mais do que isso e está intimamente ligado ao aprender e ao ensinar. Ela deverá ser formativa por isso, é processual, contínua, permanente e cumulativa.

Sendo assim, ao término da apropriação, por parte dos alunos envolvidos no projeto, das teorias que envolvem a Arte, as tecnologias e os fenômenos sociais, houve a finalização do portfólio, construído de modo processual, por meio do envolvimento e participação desses alunos nas avaliações 1, 2, 3 e 4 que seguem abaixo:

PRIMEIRA AVALIAÇÃO: Visitando o Foto Clube de Londrina

Esta atividade foi organizada pela equipe pedagógica, direção e professores do CEEP Castaldi. Por meio dela os alunos, ao retornarem da visita ao fotoclube de Londrina, fizeram o registro em seu portfólio das anotações, entrevistas com os fotógrafos e anexação de fotografias tiradas e folders disponibilizados naquele espaço. Abaixo, o link do fotoclube e a sugestão de perguntas que poderiam ser feitas pelos alunos no momento da entrevista com os fotógrafos:

- Quando você começou a fotografar?
- Você se considera um fotógrafo amador ou profissional?
- Existe algum fotógrafo famoso no qual você se inspira?
- Quais as técnicas usadas por você para a captura de imagens?
- É possível fazer boas fotos sem um equipamento profissional?
- O fotoclube dispõe de alguma oficina gratuita para a população?

<http://www.fotoclubelondrina.art.br/>

SEGUNDA AVALIAÇÃO: Busca por imagens fotográficas

Nesta segunda avaliação os alunos participantes do projeto buscaram imagens fotográficas do século XX e XXI que ficaram registradas no inconsciente coletivo da sociedade (5 imagens por aluno) e, em seguida, registraram informações sobre essas imagens e anexaram-nas ao portfólio.

[Digite aqui]

TERCEIRA AVALIAÇÃO: Leitura de um texto de Sebastião Salgado

O aluno participante, após ler o texto *A fotografia impressa vai acabar?*, de Sebastião Salgado, produziu um texto de 20 linhas com ao menos uma fundamentação teórica e o anexou ao portfólio. Abaixo, o link do texto.

<http://amigofotografo.com.br/noticias/sebastiao-salgado-preve-fim-da-fotografia-em-20-ou-30-anos/>

QUARTA AVALIAÇÃO: As redes sociais

Facebook, Instagram, Snap – progresso, retrocesso ou apenas mudança? – Nesta etapa do projeto coube ao aluno produzir um texto de 20 linhas com ao menos uma fundamentação teórica e anexá-lo ao portfólio.

AVALIAÇÃO FINAL:

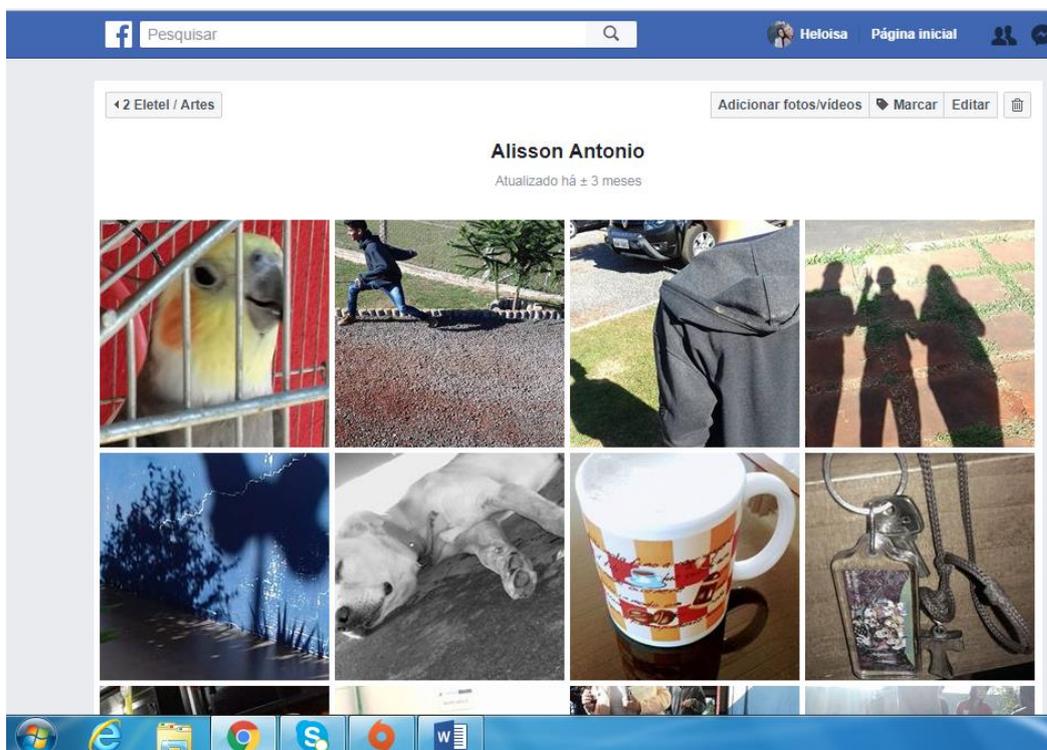
Roteiro das atividades finais que foram cumpridas pelos alunos participantes:

- Registro de 5 imagens de autoria própria, captadas por meio do celular e que retrataram a rua, o indivíduo, grupos sociais, as situações cotidianas;
- A documentação de cada uma dessas cinco fotos com informações sobre onde e quando foram tiradas – o registro das impressões particulares provocadas pela contemplação da cena ao vivo e depois, a cena fotografada –tendo cada foto um texto de 5 a 10 linhas.
- A recolha de uma foto de cada participante, foto escolhida pelo autor e a exposição dessas 14 fotos (14 alunos) na parede, enumeradas. Em seguida o professor distribuiu fichas também enumeradas entre os participantes e estes, de posse de um número, foram à fotografia correspondente, observando-a para, em seguida, escreverem, em 10 linhas, as impressões provocadas neles por aquelas imagens. Ao término desse exercício, cada autor leu aquele registro feito pelo expectador e refletiu sobre os impactos que uma mesma cena provoca em

[Digite aqui]

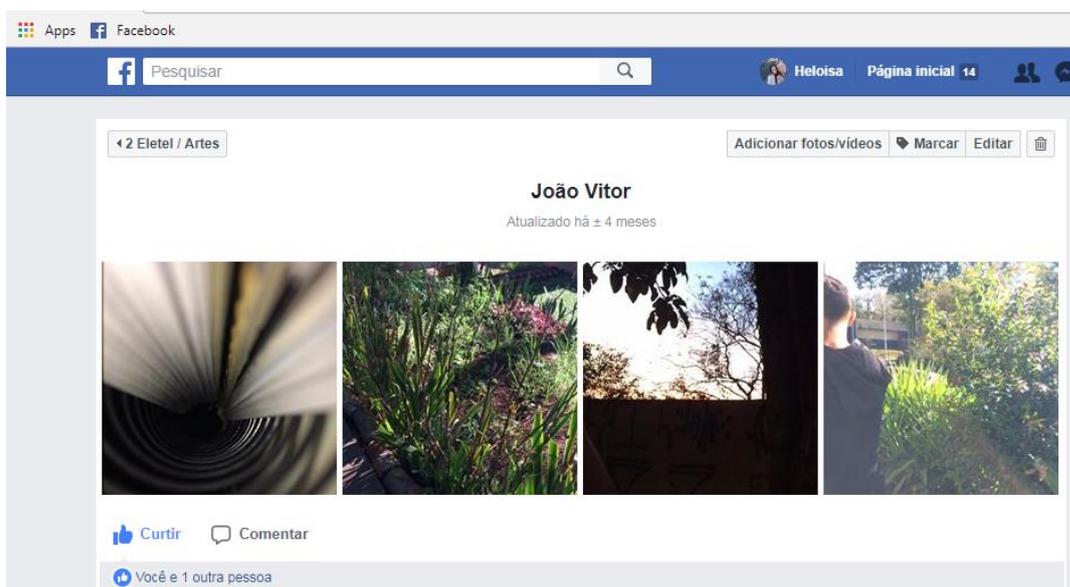
indivíduos diferentes. Abaixo, imagens registradas por alguns dos participantes do projeto:

Figura 3: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

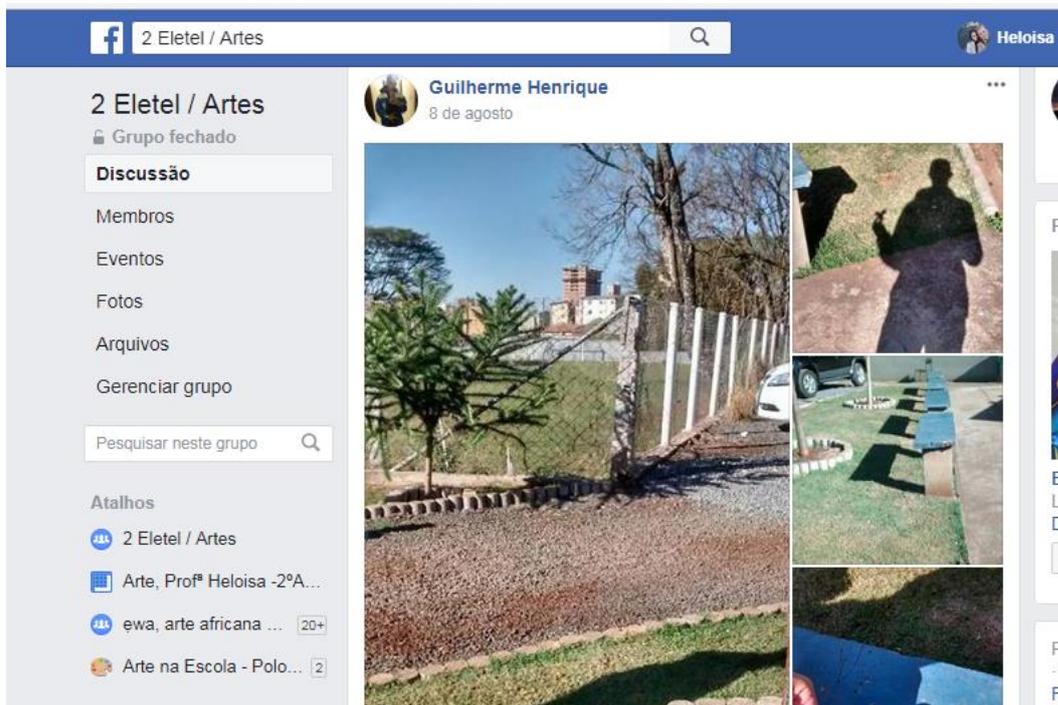
Figura 4: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

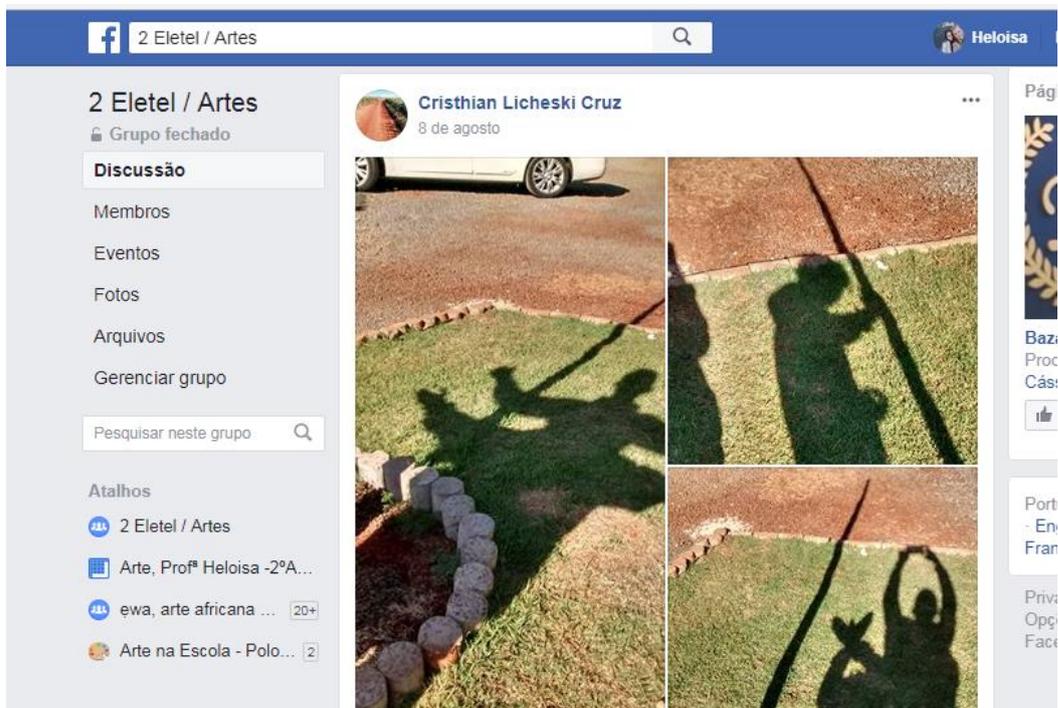
[Digite aqui]

Figura 5: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

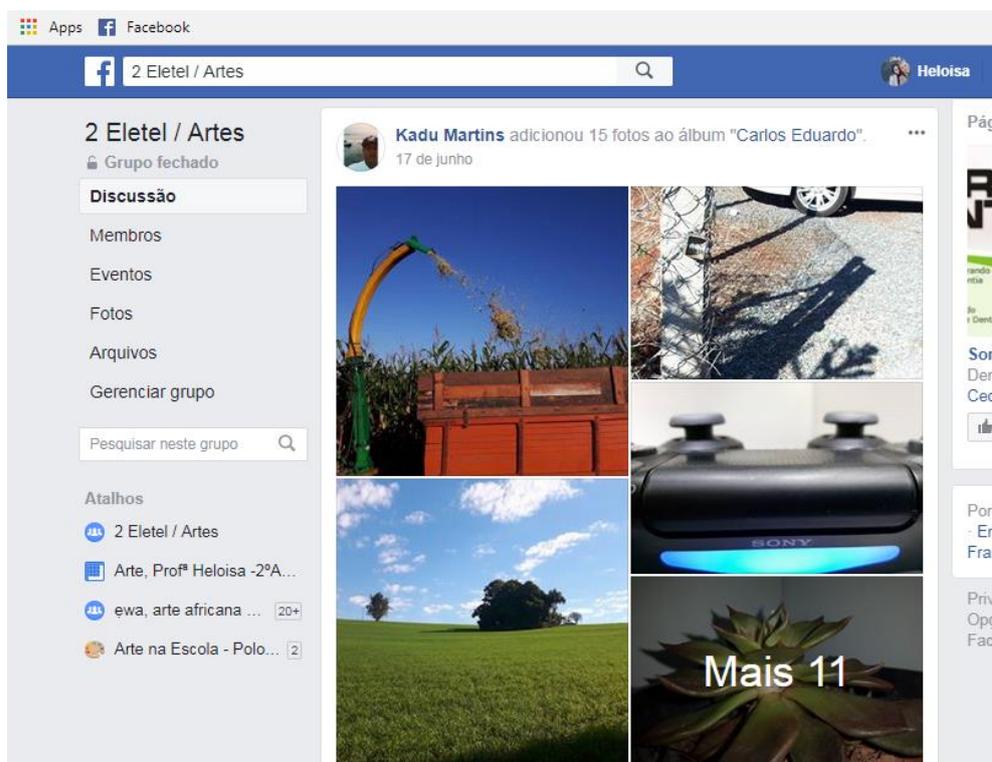
Figura 6: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

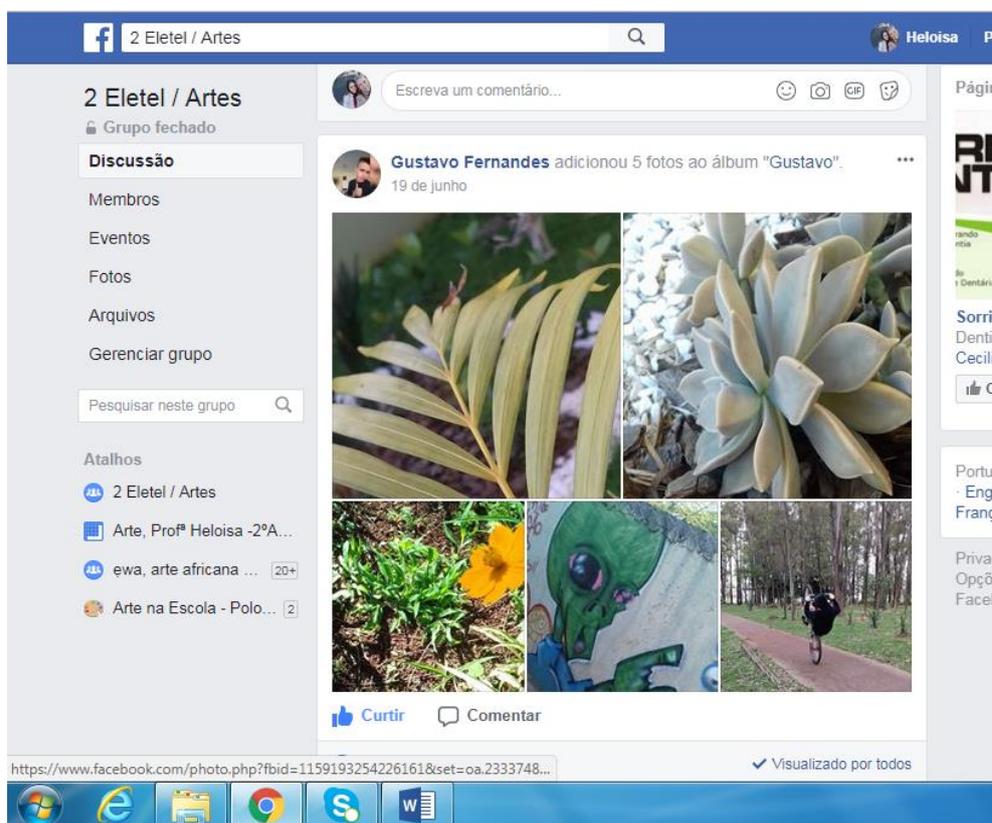
[Digite aqui]

Figura 7: Pasta do aluno



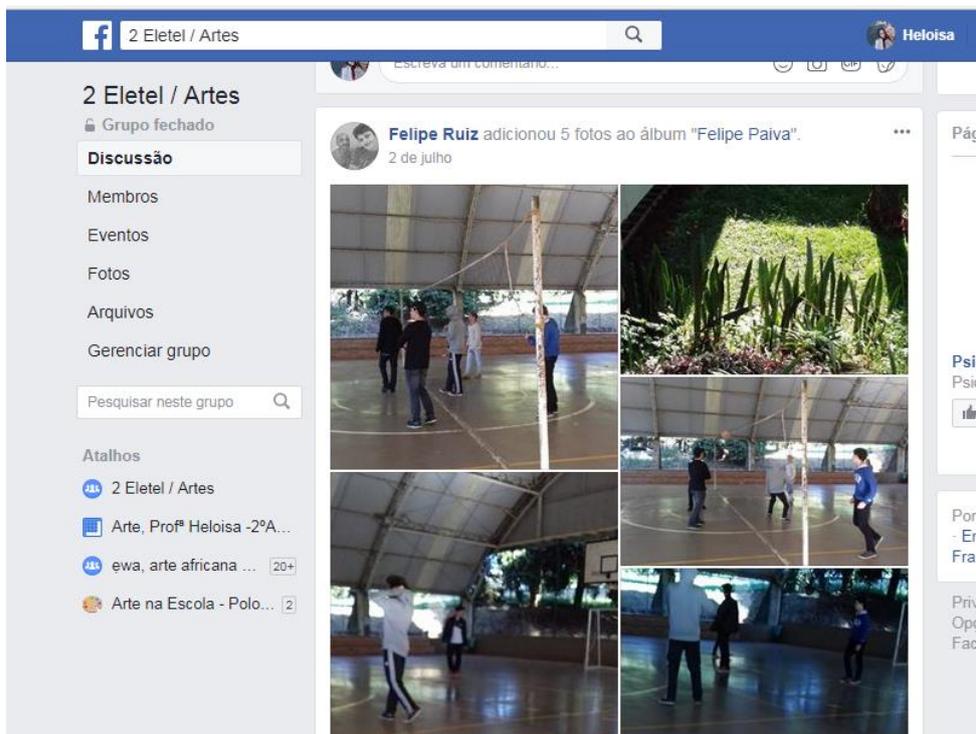
Fonte: da autora (2017)

Figura 8: Pasta do aluno



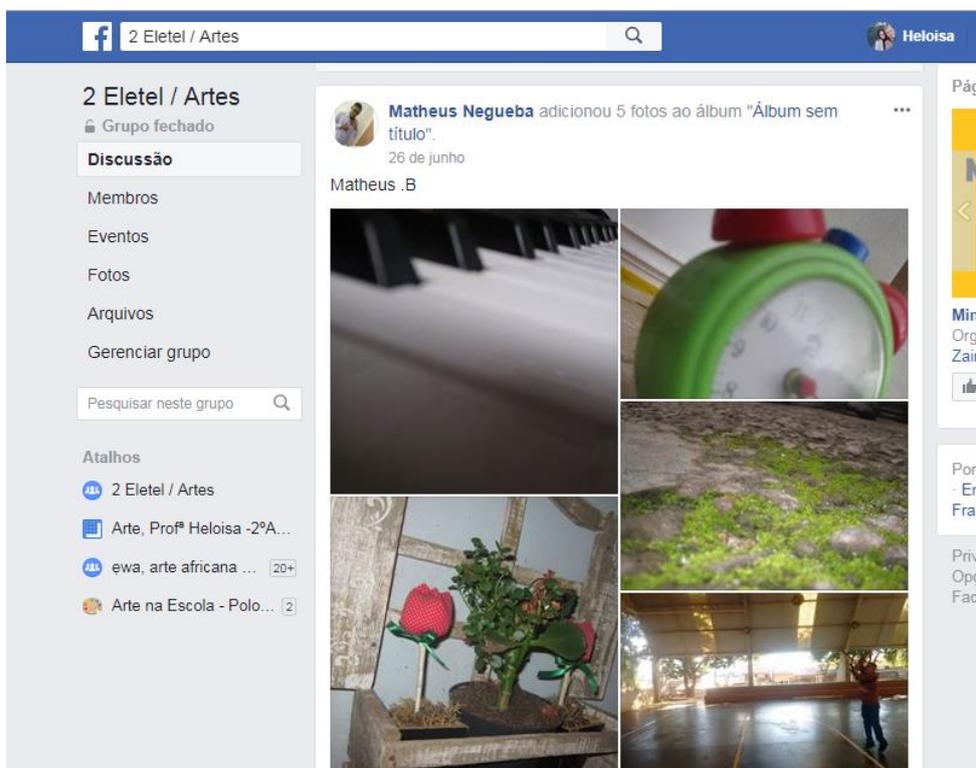
Fonte: da autora (2017)
[Digite aqui]

Figura 9: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

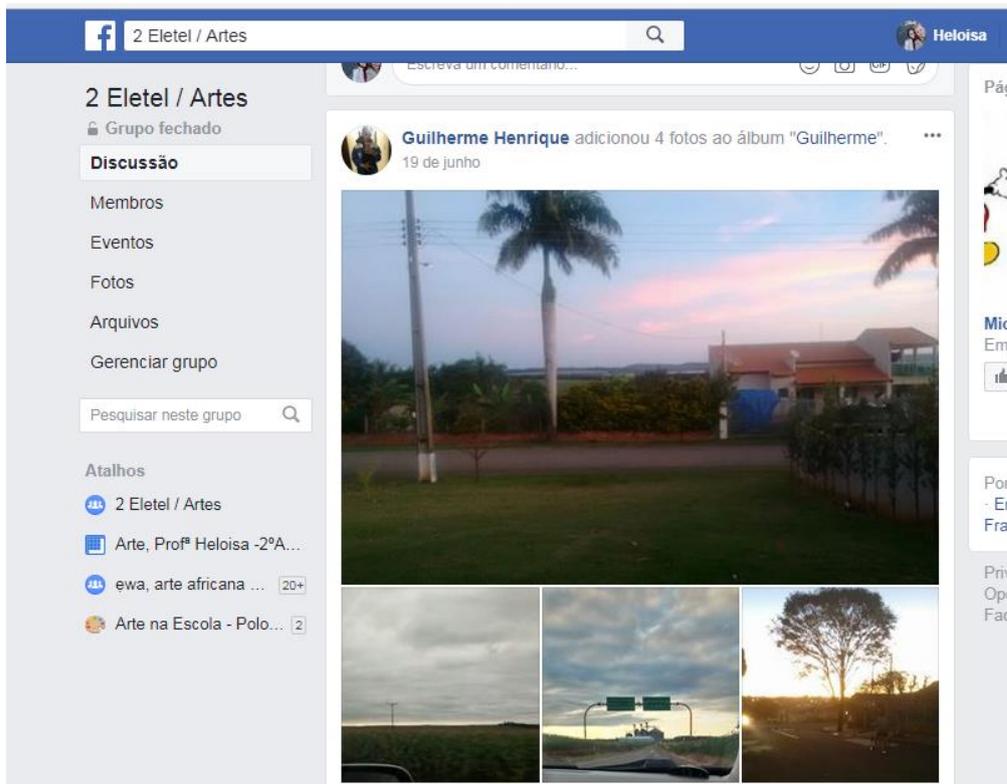
Figura 10: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

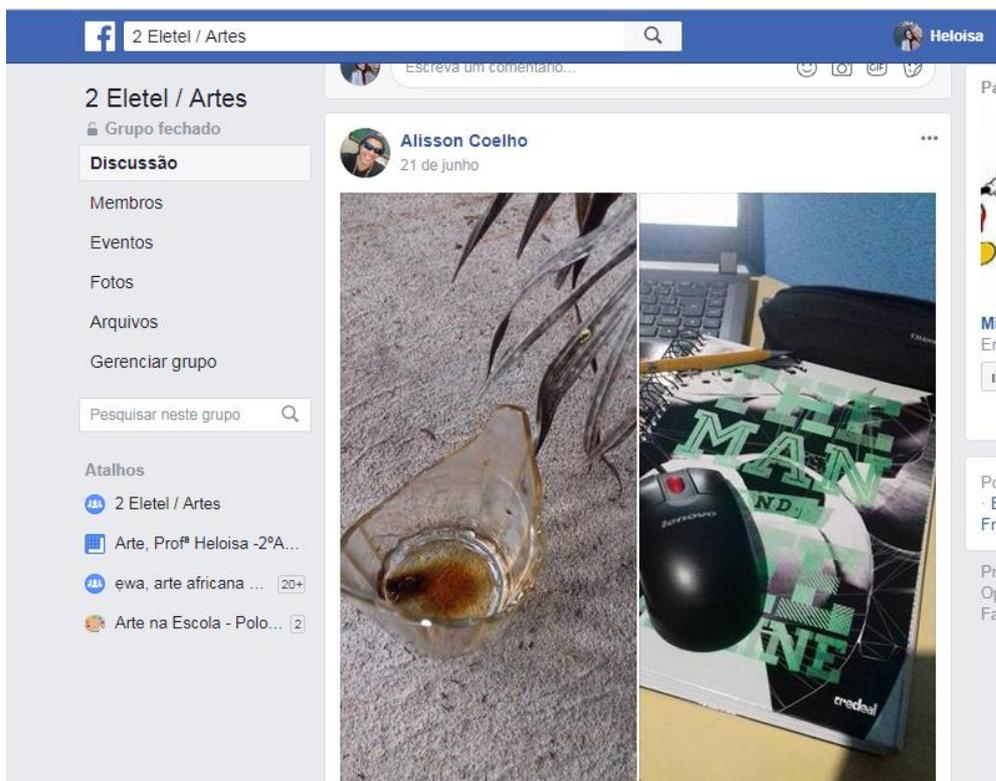
[Digite aqui]

Figura 11: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

Figura 12: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

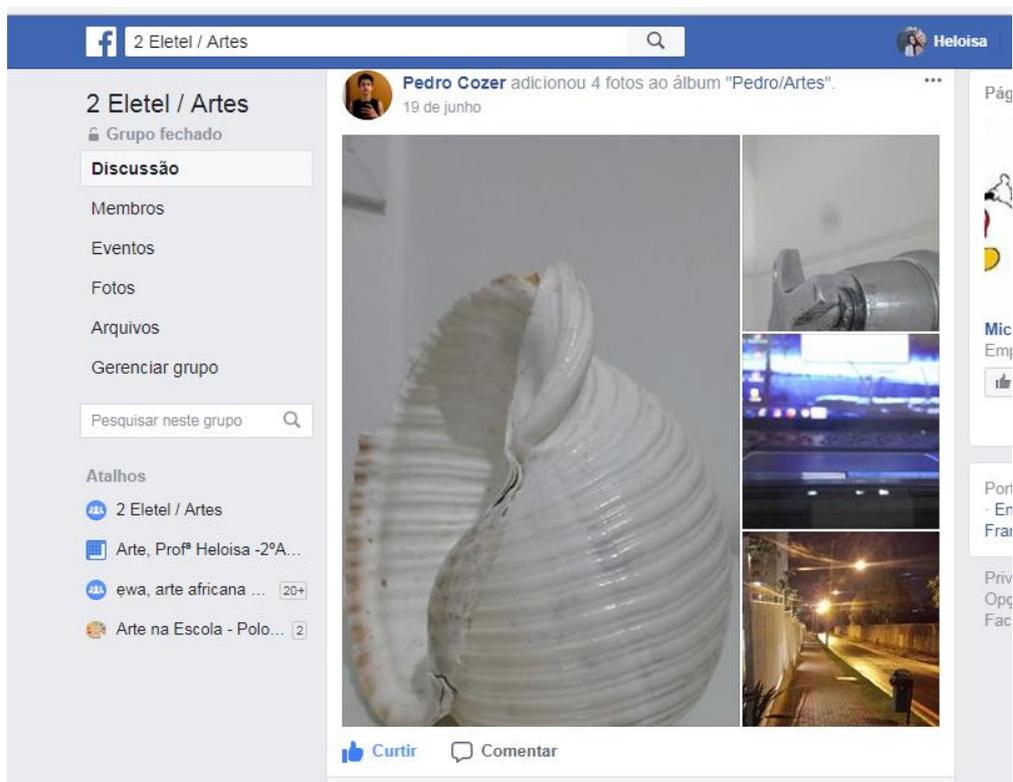
[Digite aqui]

Figura 13: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

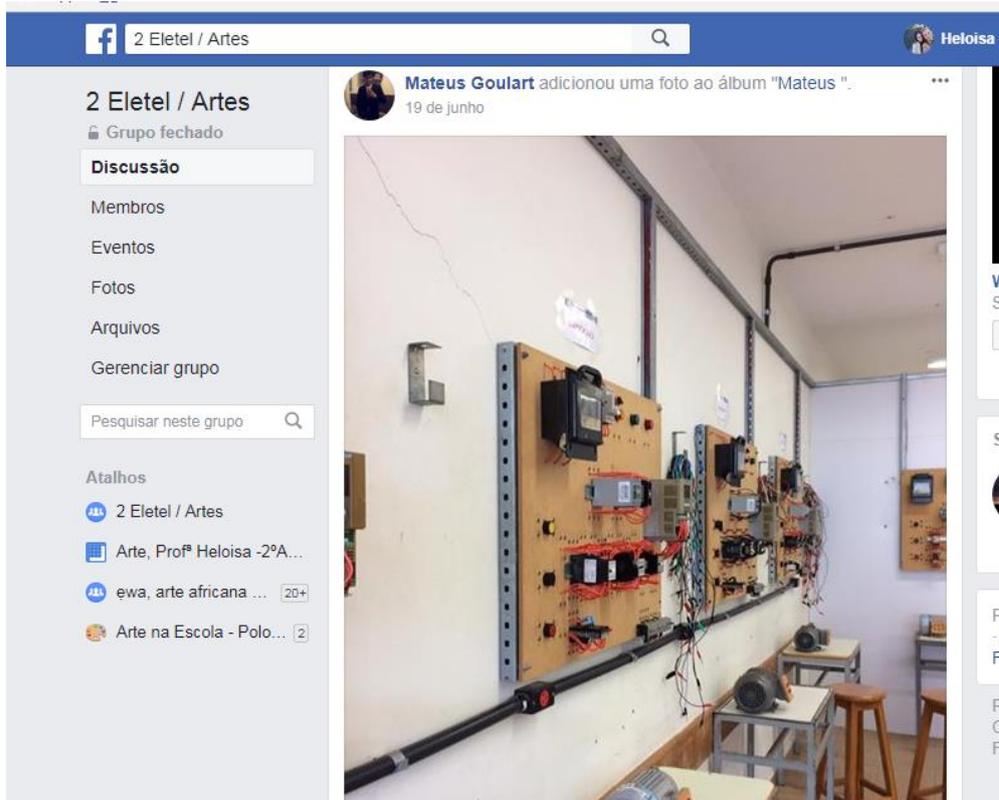
Figura 15: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

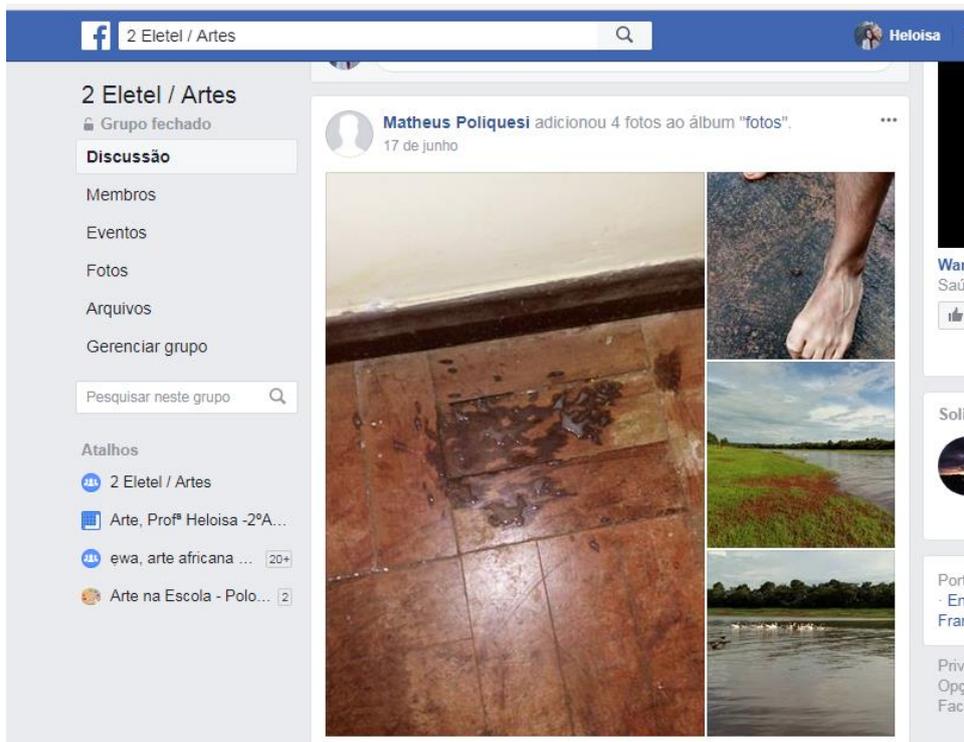
[Digite aqui]

Figura 16: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

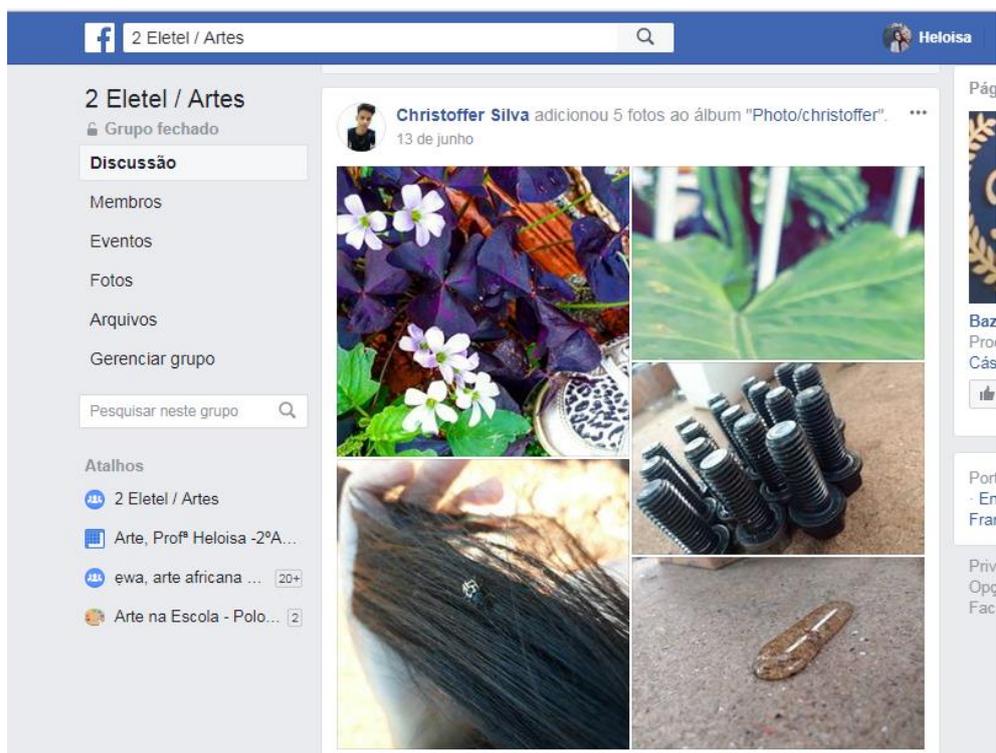
Figura 16: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

[Digite aqui]

Figura 17: Pasta do aluno



Fonte: da autora (2017)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da execução deste projeto, cujo objetivo geral foi o de proporcionar aos alunos do segundo ano do curso de Eletrotécnica na modalidade Integrado ao Ensino Médio do Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria do Rosário Castaldi (CEEP), da cidade de Londrina, Paraná, uma prática de registros de cenas do cotidiano por meio do celular e de reflexões sobre esses registros, esse objetivo foi alcançado, na medida em que os envolvidos participaram de todas as etapas previstas, registrando cenas, publicando-as e promovendo discussões e reflexões sobre elas. Sobre os objetivos específicos, o primeiro sendo o de proporcionar ao aluno condições para que ele percebesse a fotografia como meio de expressão artística e do indivíduo sobre o mundo que o cerca; o segundo sendo o de promover, por meio do ato de fotografar com o celular, a construção de um olhar pedagógico e artístico sobre essa ferramenta tecnológica; e o terceiro, o de estimular nos alunos o exercício de leitura de textos orais, escritos e pictóricos sobre as relações e papéis sociais assumidos pelo indivíduo em seu cotidiano, todos [Digite aqui]

também foram cumpridos e alcançados, pois faziam parte do processo de reconhecimento do universo da fotografia, das ferramentas que são usadas para o ato de fotografar e das reflexões advindas da observação de imagens que, no cotidiano efêmero da contemporaneidade, muitas vezes passam despercebidas pelos indivíduos.

Conforme Michel Thiollent (1996, p. 16), a pesquisa-ação

[...] exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados.

Thiollent (1996) afirma que o processo do conhecimento vai além de informar algo para alguém. É preciso que haja conscientização por parte dos participantes. Diante de uma realidade que sofre mudanças cotidianas, a aplicação de uma pesquisa em que os sujeitos participam de forma ativa, como foi o caso da experiência relatada neste artigo, proporciona a inserção desses indivíduos em um universo muitas vezes desconhecido por eles, que é o da ciência em construção. Ao fazerem parte dessa pesquisa-ação, os alunos puderam contribuir com elementos construídos a partir de um material, as fotografias, o acesso à rede social aberta para a publicação desse material e as articulações reflexivas, individuais e em grupo, que surgiram a partir dele. Esses alunos, ao final da experiência, mostraram-se receptivos em relação a outras pesquisas futuras. Puderam perceber que são capazes de produzir um conhecimento sistemático que poderá ser útil em outras circunstâncias e em outras comunidades, acadêmicas ou não.

Ao término da execução deste projeto, ficaram algumas considerações a serem feitas. Em decorrência do modo como ocorre o processo de distribuição de aulas no início de cada ano letivo, não foi possível aplicar este projeto no segundo ano do Ensino Médio, conforme previsto inicialmente. Dessa forma, o projeto foi aplicado no segundo ano do Ensino Técnico Integrado ao Médio, turma da manhã, composta por quatorze alunos e que mais se aproximavam do perfil de alunos anteriormente previsto. Esse fator não pode ser considerado um evento limitador na execução do projeto, mas com certeza, pelo pouco número de participantes, não houve uma grande diversidade de material (fotos) a ser analisada pelo grupo.

[Digite aqui]

Como projeto futuro, dando continuidade a esta pesquisa, sugere-se que essas atividades sejam aplicadas novamente em um grupo composto por mais indivíduos e que também possa integrar disciplinas diferentes entre si, promovendo, assim, além da reflexão, a interdisciplinaridade, fenômeno fundamental para que o aluno encontre nexos e coerência nos conteúdos que são levados até ele na sala de aula, efetivando a aprendizagem humanística e técnica, objetivo principal da escola.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NÓVOA, Antônio. Relação escola/sociedade: novas respostas para um velho problema. **Revista UNIVESP**. Unesp, 1994. Disponível em:> <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/24>>. Acesso em 14 de set. 2016.

PEREIRA, Fabrício Andrade. **Arte-educação**: emoção e racionalidade. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Facisa, 2006.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: Leitura de arte na escola. 4ª Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em 21 de jul. de 2016.